

O Dr. J. M. Velho da Silva

**D**ando no presente numero do *Brazil Illustrado* o retrato deste distincto cidadão, presto não só justa homenagem a um talento notavel, a uma illustração pouco commum entre nós, e a um character exemplar, como publico testemunho de gratidão ao mestre e amigo que ha vinte annos tenho a ventura de possuir.

O Dr. José Maria Velho da Silva, natural desta cidade do Rio de Janeiro e nascido a 3 de Março de 1810, occupa lugar proeminente em nossa historia litteraria, pois sobre ser um poeta mavioso e inspirado é tambem um prosador numerozo e correctissimo.

A sua erudição não vulgar, o seu alto criterio, quer litterario quer scientifico, dão-lhe o direito a ser considerado, e sem favor, como uma das nossas notaveis illustrações.

Como poeta, as suas inspiradas producções têm o cunho dessa belleza artistica e impressionavel que revela a espontaneidade e o alto gráo de sensibilidade que é o apanagio das almas vasadas nos moldes do bom e do justo; nellas se observam esse primor da fórma que só os mestres sabem dar ás suas obras imperciveis, e que são o enlevo de quem as admira e o desespero de quem as toma por modelo.

Como prosador, ha no seu dizer o sabor do fructo perfeitamente sazonado; a sua linguagem despida de artificio é classica, porque classicos foram os grandes mestres com que por largos annos conviveu elle, lendo-os, meditando-os comparando-os entre si com a paciencia do investigador consciencioso e o criterio do perfeito litterato.

O Dr. Velho da Silva pertence ainda á geração daquelles que ouviram de viva voz as lições dos proceres que lançaram os fundamentos da nossa historia litteraria; que sentiram palpitar a patria nascente e se inflamaram ao verbo do enthusiasmo desse punhado de verdadeiros patriotas, como souberam ser Januario, Ledo, Fr. Sampaio, Evaristo, Mont'Alverne, e outros, que como estes, na tribuna e na imprensa, concitavam a mocidade a elevar, pelo estudo e pelo trabalho, os creditos da joven patria.

Por companheiros dos bancos academicos, teve elle, entre outros, Gonçalves de Magalhães, o laureado poeta que, iniciando entre nós a escola romantica, abriu uma nova era á litteratura brazileira, e dramatisando o triste fim de *Antonio José* imprimio o cunho de nacionalidade ao genio assombroso de João Caetano;—Salles Torres Homem, que abandonando a medicina pela politica conquistou com a clava da sua dialectica, pollegada a pollegada o vasto espaço que percorreu até atingir as cumiades do poder;—José Maria do Amaral, que juntava ás virtudes do Spartano o genio do poeta do amor e da saudade, que em primorosas estrophes traduzio o penar do coração de quem não faltavam magoas e dores;—e finalmente A. Felix Martins, de palavra facil e gesto incisivo, que já em 1831 arrancava delirantes applausos á multidão, quando ao sahir do templo de S. Francisco de Paula, onde acabava de celebrar-se a festa do juramento da Constituição, o povo começava a sentir os prodromos da febre que deveria irromper veemente no memoravel sete de Abril.

Infelizmente, pobre e já no começo da sua carreira medica com encargo de familia, o Dr. Velho da Silva teve de abandonar taes companheiros, ausentar-se do theatro unico capaz de offerecer-lhe um scenario condigno, para internar-se pelos despovoados do Rio Bonito, Macabú, Campos e Macahé, afim de obter de uma clinica obscura o pão da subsistencia.

Mas se por um lado perdeu talvez na carreira publica, por outro ganhou na affeição verdadeiramente popular, pois na vasta zona em que por espaço de vinte annos exerceu a sua clinica, ninguem por esses tempos foi mais bemquisto e conhecido. Estudioso e applicado, adquirio, pela pratica e pela leitura, copiosos conhecimentos profissionaes, chegando a tal grão de adiantamento, quer na medicina, quer na cirurgia, que nas raras vezes que vinha á côrte era chamado pelos seus mais autorisados collegas para bem graves conferencias.

Foi por esse tempo de exilio voluntario que elle adquirio igualmente a erudição

admiravel, que nas mais intimas palestras se revela despretentiosa e sem calculo. O extraordinario amor á leitura, a sêde de saber e o conhecimento das linguas franceza, ingleza, italiana e latina, familiarisam-n'o com todos os grandes escriptores antigos e modernos, tornando-o com taes e tão preciosos elementos habilissimo para o professorado litterario.

Regressando definitivamente á cidade natal, cansado da clinica, obteve a principio por nomeação interina e depois por concurso a cadeira de rhetorica e poetica no Internato de Pedro II, onde é reconhecidamente tido por todos como professor modelo. E como não ser assim, se aos largos thesouros do saber junta os não menos opulentas das mais nobres qualidades. A brandura e a delicadeza são as unicas armas que oppõe ao mais rebelde dos discipulos, que com pouco se converte no mais obediente dos amigos.

Durante a sua estada na provincia do Rio de Janeiro redigio o *Monitor Macahense* com tal distincção, que mais de um de seus artigos foi transcripto pelos jornaes da côrte. Por occasião do naufragio do vapor *Hermes*, do qual foi victima o auspicioso e festejado autor das *Memórias de um sargento de milicias*, Manoel Antonio de Almeida; e com tão vividas e bellas cores pintou a tristissima occurrencia, que o illustre jornalista, então á frente do *Correio Mercantil*, o conselheiro Octaviano, disse que melhor não poderia fazer do que reproduzir nessa folha a narrativa tão palpitante de interesse, escripta por testemunha ocular dos resultados do funesto acontecimento.

De seu retiro de clinico campesino enviava, de quando em quando, o Dr. Velho da Silva producções em prosa ou verso, que eram publicadas pelos mais acreditados jornaes e revistas do tempo, sobresa-hindo, entre outros trabalhos de nota, um estudo bibliographico critico a respeito de Ovidio e Castilho<sup>1</sup> por occasião de ser publicada a paraphrase deste dos famosos *Amores* daquelle. Apresentada como memoria de habilitação, esse trabalho ter-lhe-hia certamente aberto as portas de qualquer academia litteraria; taes são as provas de erudição, que dá o critico, como do bom gosto que offerece o litterato.

O seu romance de feição historica, *Gabriella*, se não tem o interesse palpitante da urdidura dramatica, tem pelo menos o da narrativa fluente e typica. Scenas descriptas com muito vigor, factos memorados com muita propriedade, anedotas dos tempos coloniaes, referentes ao periodo do vice-reinado

<sup>1</sup> Foi reproduzido no 1º volume da *Imprensa Industrial* de Lino de Almeida. Rio de Janeiro, 1876.

do Marquez do Lavradio, prendem a attenção, e delicias os espiritos cultos que na leitura buscam mais que simples passatempo. Essa producção, emfim, que, quando outro merito não tivesse, bastar-lhe-hia da pureza do estylo para collocal-a entre os mais bellos ornamentos da nossa bibliographia, tem o perfeito cunho de nativismo, pois descreve scenas de um periodo do nosso passado historico, na linguagem dominante do tempo; sente-se que os personagens estão alli á vontade e fallam sem constrangimento nem artificio.

Pena é que o autor não houvesse madrugado no intento, pois se assim fizera, contaríamos hoje por certo não uma, mas uma serie de chronicas romantizadas, que quando menos muito influiriam na propagação do gosto pelo cultivo do genero.

Entre as suas producções poeticas mais estimaveis, nota-se o *Ab-del-Kader*, escripta sob a impressão da leitura contemporanea do acontecimento, e conseguintemente cheia de vida e repassada de sentimento, como o são igualmente, á *Morte de D. Pedro V* e ao barbaro fuzilamento do infeliz Maximiliano, no Mexico; *Job* é uma poesia biblica magistralmente traçada, como soe fazer mão de mestre tão adextrado no manejo do instrumento musico, como afeita ás fórmulas especiaes do assumpto.

Poeta pelo coração, o Dr. Velho da Silva é um dos poucos brazileiros que, resistindo ás intemperies do tempo, conserva no espirito todo o vigor da mocidade, alimentando o fogo sagrado com os desvelos das Vestaes, pois para elle acima de tudo quanto se materialisa na terra está essa entidade suprema que na outra vida recompensa os bons e esquece os máos.

Firme em seus principios, tem a fé dos justos; pelo prisma de sua alma sempre rejuvenescente vê tudo suave e luminoso. Os seus discipulos são filhos do seu espirito, e como taes só os trata, vive da vida intellectual delles, compartilha de suas fadigas no estudo com tanta identificação como de seus triumphos e laureis. Bello é de ver-se como falla com calor do merito de seus alumnos, como se entristece com o atrazo de uns e como se glorifica com os adiantamentos de outros.

Enlevado na contemplação de tudo quanto é bello e santo, deslembra os annos da vida, e como um mancebo em plena primavera vibra as cordas dos sentimentos mais intimos com a mesma delicadeza e enthusiasmo de ha meio seculo passado. Não ha dez annos ainda escrevia o poeta :

Vejo-a mal; inda vem longe;  
Mesmo assim incerto e vago,  
Sinto-a pisar tão airosa  
Como a garça sobre o lago;

Parei, espero-a ancioso,  
E' uma fada e vem perto,  
Maldição!... a feiticeira  
Traz o semblante coberto.

Quem inventou tal disfarce,  
Quem estas malhas teceu,  
Ou foi christão renegado,  
Ou era mouro ou judeu.

Homem são, de gosto e d'arte,  
Que admira a natureza,  
Não ia inventar as sombras  
Para esconder a belleza.

Inda mais, véo roxo-lirio,  
Fazendo a tez bronzeada!  
Como faz do inverno a nevoa  
Vir sombria a madrugada;

Quiz olhal-a, mas fugio-me;  
Entra n'um bond ligeira;  
Fiz o mesmo, fui sentar-me  
Bem fronteiro á feiticeira.

Eu tenho o instincto do bello,  
Adivinho a perfeição;  
Não me enganei; que belleza!  
Bem m'o disse o coração;

Vi-a assim: o vento forte  
Para o ar soprou-lhe o véo;  
Foi como a nuvem que foge  
Mostrando os astros do céu.

Que lindos olhos azues!  
Perfil de grego modelo;  
Sobre as faces lhe cahiam  
Ondas de louro cabello.

Não vi mais; fechou-se o templo,  
Escondeu-se o sanctuario;  
Contraheo-se, fez um gesto,  
Puxou de novo o sudario;

Fez como a lua formosa;  
Que de formosa seduz;  
Quando quer tambem faceira  
De repente esconde a luz.

Estes mimosos versos lyricos retratam fielmente a alma do poeta, ainda depois de mais de 60 annos de peregrinação na terra; mas para dar idéa do que é e do que vale o homem em si, nada equivale ao trato da sua amizade, que não sabe ter um momento de enfado para os mais importunos, que não cansa nunca de bem servir a todos quantos o conhecem de perto ou de longe.

Abandonando o exercicio da medicina para os ricos conserva-o como um sacerdocio para os pobres; vai longe ver os seus doentes, afadiga-se no seu tratamento, preocupa-se profundamente com elles, doe-se de suas magoas, identifica-se com os seus pezares, e tudo isto tendo como recompensa a satisfação da propria consciencia, unica moeda de curso forçado para as almas generosas.

Felizes os que assim chegam aos 77 annos de existencia, pois por mais agitado que seja o meio em que vivam, em roda de si ha uma atmospherã suave e acariciadora de affectos profundos e dedicados, que é como o antegoço da bemaventurança que os espera na outra vida. Não se sobressaltam com o dia de

amanhã, porque estão certos de que na hora da partida não hão de ver um rosto que não seja amigo; não tremem do futuro, porque sabem que além-campã aguarda-os a admiração e o respeito da posteridade que já conhecem em vida pelo juizo que delles formam seus contemporaneos.

Se o Dr. José Maria Velho da Silva, como escriptor é uma gloria da patria, como cidadão é um exemplo; um e outro se completam em verdadeiro modelo, que ha vinte annos admiro e prezo, com o amor de filho e o respeito de discipulo, ainda que obscuro e nullo,

FELIX FERREIRA.



## PALESTRAS HISTORICAS

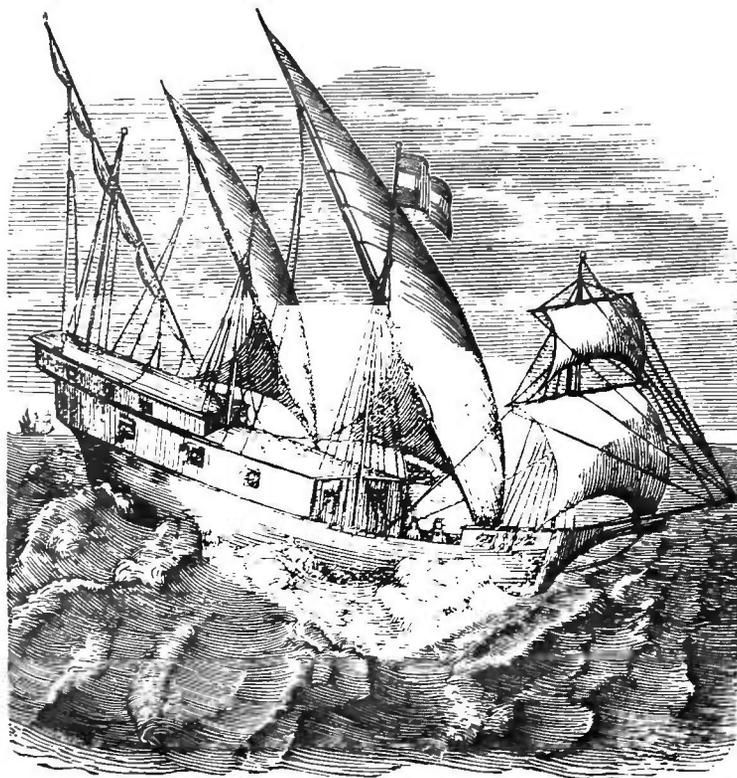
### A primeira exploração á costa do Brazil

#### III

(Continuação)

Temos ainda que o commandante em chefe da expedição, pelo proprio testemunho de Vespuccio, era um marinheiro e experimentado, não grado o mesmo Americo querer diminuir-lhe o merito, dizendo que o capitão-mór, desanimado, lhe entregara o commando absoluto ao chegar a expedição a 32º de latitude sul nas paragens do Rio da Prata.

Ora, esta asserção de Vespuccio prova que o chefe da expedição era entendedor da nautica, pois havia conduzido a pequena frota até aquella latitude, por inspiração propria; seus conhecimentos de navegação bem provam que não era um palaciano acostumado ás delicias da côrte, alheio aos perigos das vagas, como D. Nuno Manoel.



CARAVELA DO SECULO XVI

Outra razão que nos faz duvidar que fosse D. Nuno o commandante desta expedição, é a pequena esquadra que D. Manoel poz ao seu dispor, quando para mais o honrar era provavel dar-lhe maior numero de embarcações, como dous annos depois fez com o capitão-mór, incumbido de descobrir Malaca pelo mar do sudoeste, costeando as plagas brazileiras, e que presumimos ser nessa viagem que elle foi por commandante ou algum seu prepôsto, pessoa de toda a confiança <sup>11</sup>.

<sup>11</sup> O visconde de Porto Seguro, o douto autor da *Historia do*

*Brazil* nos tempos coloniaes, foi o que mais importantes investigações fez relativas ás primeiras explorações pela costa brazileira, desenterrando do pó do esquecimento importantissimos documentos que

Gaspar Corrêa, autor sincero e paciente indagador, assevera que o commandante desta primeira exploração foi André Gonçalves, o mesmo que retrocedeu de Porto Seguro para levar a D. Manoel a noticia do feliz achado de Pedro Alvares Cabral.

Eis como elle narra este descobrimento e o que diz sobre o seu primeiro explorador :

« E das náos fez El-Rei capitães Sancho de Toar, fidalgo castelhano, Simão de Miranda de Azevedo, Braz Matoso, Vasco de Almeida, Nuno Leitão da

tanta luz têm espalhado sobre as trévas que encobrem esse primeiro periodo da historia do Brazil.

As circumstancias vantajosas em que a sua posição official o collocaram permitto-lhe investigar os archivos mais opulentos da velha Europa, onde se guardam preciosidades historicas e que elle não descurou, dando á luz o que o seu paciente labor pôde colher.

E' para sentir que o erudito membro do Instituto Historico deixasse de consultar uma obra de que infallivelmente teve conhecimento, obra que supponho, com bastante fundamento, esclarecer muito as primeiras explorações ao Brazil, á vista de alguns extractos que della publicou um amigo do mesmo visconde, o tambem finado conselheiro Cunha Rivara. Referimo nos á obra que compuzera Duarte Pacheco, o intrepido vencedor de Samorim, intitulada *Esmeraldo de Situ Orbis*, de que se conservavam duas copias na Bibliotheca publica Evorense.

Ora, pela minudencia com que Duarte Pacheco relata os aprestos da armada em que Vasco da Gama ia emfim pa-

tentear a rota da tão suspirada India, de que o illustre Sr. Pinheiro Chagas na *Historia de Portugal* nos dá um extracto, se vê de que importancia ella é, e dahi a supposição bem fundada de que necessariamente ha de tratar do descobrimento do Brazil, onde Duarte Pacheco esteve em 1500, pois ia na armada de Pedro Alvares Cabral, e quando em 1503, commandando um navio, se dirigia á India, na armada de Afonso de Albuquerque, que fez rota pelas terras de Santa Cruz.

Esta obra de Duarte Pacheco, que a incuria, o pouco amor por descortinar passados feitos, têm deixado esquecida, talvez pasto da traça, e quem sabe se hoje já nem restos della existam, supponho que uma vez impressa viria dar-nos tanta luz sobre pontos historicos, como as *Lendas da India*, de Gaspar Corrêa, desconhecidas ou não consultadas, pelo longo espaço de 300 annos, tantos quantos esteve por ver a luz da imprensa.

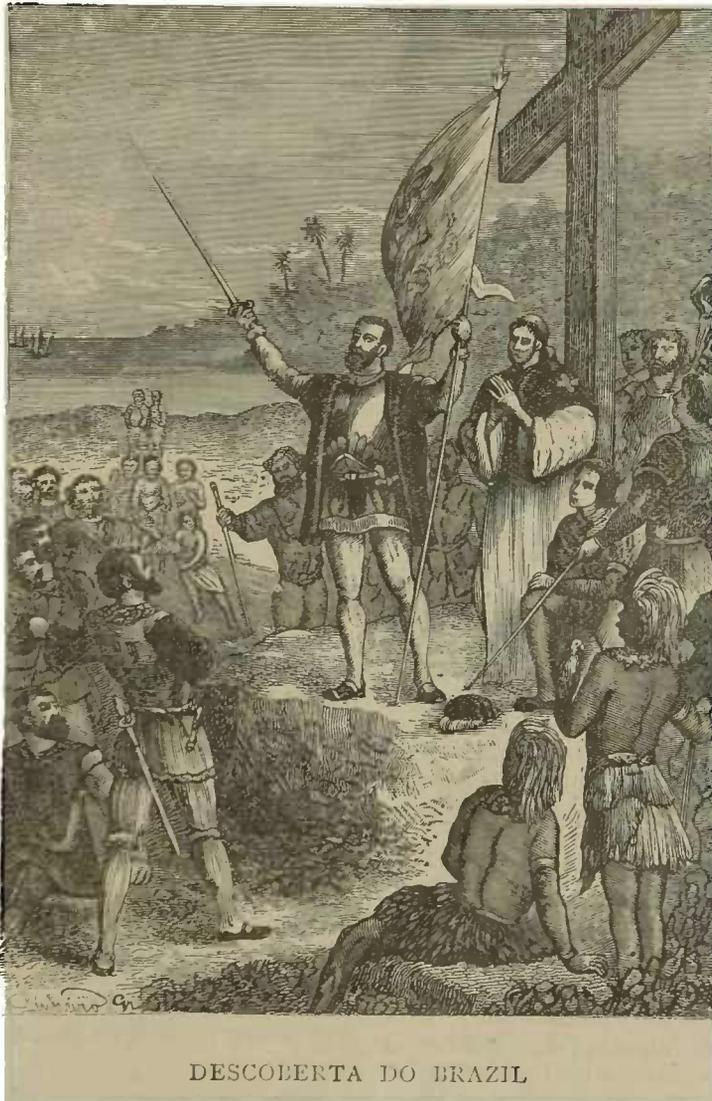
Cunha, Simão de Pina, Nicoláo Coelho, Pedro de Figueiró, Bartholomeu Dias, Diogo Dias, seu irmão, Luiz Pires, Gaspar de Lemos, André Gonçalves, mestre que viera com D. Vasco da Gama, que lhe quiz elle dar esta honra; estes tres capitães dos navios pequenos. Simão de Miranda de Azevedo era capitão da náo capitaina, e ia por capitão-mór na successão de Pedro Alvares Cabral, se elle fallecesse.

« Sendo fóra de Lisboa a frota nevogando, foram demandar as ilhas terceiras, por se mais metterem ao mar para que os ventos lhes fossem mais largos para navegar para o cabo; o que tudo fizeram com

a estimativa que atinavam, porque ainda então não sabiam o tomar do sol, nem acertavam, sómente t i n h a m agulhas de navegar para conhecimento dos ventos, porque sabiam onde lhes ficava a terra, porque os ventos corriam para ella; no qual caminho acharam a náo de Pedro de Figueiró muito ronqueira que com ella se perdia a metade do que as outras andavam, e com ventos que as outras amainavam ella sem amainar ainda não podia chegar, e sendo na linha de Guiné, tiveram chuvereiros com pés de vento forte, com que todos amainavam. A náo de Pedro de Figueiró que a andar teve a vela, um pé de vento a sossobrou, que não foi vista com a grande cerração da chuva, que, sendo passada, nunca a mais viram; e querendo o capitão-mór voltar em

sua busca, lhe disse o piloto que não perdesse caminho, porque se a náo não houvera desastre ávante havia de ir, e a acharia, porque ella havia de ter a vela por andar, e passaria que a não vissem com a cerração da chuva; e assim foram seu caminho que logo veio bom tempo, correndo quanto podiam para barlavento, com que correram passante de um mez.

« A capitaina, que ia adiante, amanhecendo um domingo, houve vista de terra a barlavento, ao que fez signal com tiro de berço, e foi correndo para ella—a descobrindo, que era grande costa, terra nova, que nunca fóra vista; e sendo perto, correndo



DESCOBERTA DO BRAZIL

ao longo della, viram grandes arvoredos pela fralda do mar e por dentro, grandes montes e serranias, e muitos rios largos, e grandes enseadas; e sendo já tarde viram uma grande bahia, onde o capitão-mór entrou com prumo sondando. Achando bom fundo sorgio, o que assim fez toda a frota. O capitão-mór deitou o esquite fóra, o que assim fizeram os capitães, e foram ver o capitão-mór, o qual mandou Nicolão Coelho no seu esquite com o piloto mouro que fosse á terra, e visse se podia haver fala da gente da terra. O qual foi com dez homens de lanças e béstas, porque ainda então não havia espingardas, e sahio na terra, e achou povoações de casas palhoças, em que havia gente branca bestial, nús, sem nenhum cobrimento de suas vergonhas, assi homens como mulheres. Alguns homens vestiam redes de fio de algodão, cobertos de penas de aves de muitas côres, mui formosas que havia na terra, e mórmente papagaios, tamanhos como patos, com penas de muitas côres; gente mansa que não fugio, não faziam mal, nem tinham armas, mais que uns arcos grandes como de inglezes, com frechas de cana, e assi os ferros da cana, compridos e pegados com bctume, que fazia pezo. Não tinham nas casas nenhum fato, sòmente redes de fio de algodão atadas pelos cabos, que penduravam e nellas dormiam. Não houve lingua que os entendesse. A mór parte do arvoredo era de um páo vermelho, que deitado n'agoa fazia vermelho muito bom, e se acharam nesta terra outras cousas, que não escrevo porque depois se descobrio.

« O capitão-mór foi em terra com os capitães, onde esteve cinco dias, e foram pela terra dentro, e não acharam quem lhes fizesse mal. Havia muitas povoações e gente toda branca, e os rostos largos, e narizes largos e baixos como de jáos. Onde o capitão-mór, por conselho de todos, daqui tornou a mandar ao reino o navio de André Gonçalves, com a nova a El-Rei desta nova terra que descobrira; e mandou homens e mulheres, e moços, e suas redes, e vestidos, e dos papagaios grandes e de outros mais pequenos. O mantimento da terra era milho, e o navio carregado de páos vermelhos aparados, que eram mui pesados, a que chamavam brazil, por sua vermelhidão ser fina como braza.

E mandou André Gonçalves que fosse correndo a costa sempre emquanto podesse e trabalhasse por lhe ver o cabo, o que elle assi fez, e descobrio muito della, que tinha muitos bons portos e rios, escrevendo tudo, e as sondas e signaes; com que tornou a El-Rei, e houve muito prazer e logo armou navios em que tornou a mandar André Gonçalves a descobrir esta terra, porque mandou experimentar o páo e acharam que fazia mui fina côr vermelha, com que logo fez contrato com mercadores que lhe compraram o páo a peso, que foram carregar este brazil, de que havia grande trato e muito proveito, por ser mercadoria para muitas partes, e mórmente para Flandres de que El-Rei houve grandes proveitos como ora parece. Deste brazil mandou o capitão-mór tomar algum que levou á India, e não teve muita valia, porque a tinta vermelha fazem do lacre e por ter mór valia no reino não carregou para a India.

Como se vê, Gaspar Corrêa diz que o commandante da primeira exploração ao Brazil fóra o mesmo

portador da noticia do descobrimento, André Gonçalves, o que é da boa razão pensar que assim fosse, pois elle fóra testemunha do descobrimento e na volta para Lisboa, por instrucções de Cabral, percorreu a costa brazileira, necessariamente em não pequena extensão, sendo portanto o mais habilitado para desempenhar esta commissão.

A opinião de Gaspar Corrêa é de muito peso: secretario do grande Affonso de Albuquerque, quando governador da India, principiou a ajuntar materias para a historia que afinal concluiu, as *Lendas da India*, dando-lhe o ultimo retoque em 1561; no archivo do conquistador de Gôa achou elle muitos escriptos de que se aproveitou, como confessa, não cessando desde 1512 de recolher tudo que dizia respeito á descoberta e conquista da India pelos portuguezes. E não era só o relativo á Asia em que elle se occupava: nas suas *Lendas* se encontram outras noticias estranhas ás regiões do Oriente, que elle cuidadosamente archivou, e que tanta luz espalliam sobre a historia dos reinados de D. Manoel e D. João III.

Não é, pois, de admirar que ás mãos de Gaspar Corrêa, embora residindo na India tão longo tempo e lá fallecesse, fossem parar copias dos roteiros e memorias sobre as viagens dos navegadores portuguezes, cujo estudo lhe interessava, e a escacez mais fazia apreciar, visto taes roteiros e memorias não gozarem dos beneficios da impressão.

Assim, pois, fiado na autoridade de Gaspar Corrêa, consideramos André Gonçalves o chefe da primeira exploração ao Brazil, isto emquanto não apparece documento que prove ser outro o encarregado de explorar-a<sup>12</sup>

O roteiro desta viagem não apparece, apozar das constantes investigações dos escriptores que nisso se têm empenhado. Entretanto elle deve ter existido, não só o do commandante em chefe como o de Vespuccio, pois que sendo este convidado como cosmographo de nomeada para esta exploração, não pôde restar duvida que o escrevesse para dar a conhecer a D. Manoel o resultado do emprehendimento. Elle mesmo confessa que redigio papeis tendentes a esta exploração e que os entregou a D. Manoel, dando a entender que não lhe foram restituídos.

O que nos resta, pois, desta primeira viagem ao Brazil é a carta que Vespuccio escreveu ao seu compatriota Soderine, obscura, incoherente, mas a que temos de prestar fé, em falta de documentos coevos que melhor esclareçam os factos.

<sup>12</sup> Os descobrimentos feitos pelos portuguezes não passavam, nem podiam passar desapercebidos aos residentes estrangeiros em Lisboa.

O embaixador de Veneza, Pietro Pasqualigo, em 1601, noticiando ao Senado da republica o descobrimento feito pelos Côrtes Reaes, ao norte da America, diz respeito á descoberta de Cabral:

« Tambem crêm estar ligada (a terra dos Cortes Reaes) com as Antilhas, que foram descobertas pela Hespanha e com a terra dos papagaios, ultimamente achada pelos navios deste reino »

E' natural, pois que outros residentes estrangeiros participassem ás suas cortes os descobrimentos que os portuguezes iam fazendo, e que uma pesquisa acurada em seus archivos desenterrasse preciosos documentos a ellas relativos, como aconteceu á carta de Pasqualigo dada á luz ultimamente pelo academico Sr. Dr. Canto e Mello na sua importantissima revista — *Archivo dos Açores*.

E estes documentos não se pôde, não se deve perder a esperança de que ainda venham a ser encontrados.

É certo que as diligencias têm sido grandes nesse sentido ; mas conforme outros têm sido descobertos por infatigáveis pesquisadores, pôde ainda o acaso, a felicidade deparal-os aonde menos se espere.

Na obra de Duarte Pacheco, como dizemos em nota, nos parece que, uma vez dada á luz, muitos pontos serão elucidados<sup>13</sup>, bem como outros escriptos esparcos em velhos alfarrabios, interdictos até hoje aos prescrutadores de passados feitos<sup>14</sup>.

(Continúa.)

13 « Alli vereis (no *Esmeraldo*) tratadas e decididas acertadamente as g andes questões cosmographicas dos antigos tempos. Alli vereis a narração singela do marreante enlaçada com a varia erudição sagrada e profana do homem curtido sobre os livros. Alli achareis mui

curiosas, verdadeiras, e porventura novas noticias de nossas primeiras navegações, que, como de contemporaneo e tão entendido, são muito de aproveitar para desmanchar conjecturas de criticos de má morte. »

(J. H. da Cunha Rivara, *Panorama*, 5º vol., 1ª serie, pag. 11.)

No *Roteiro* de D. João de Castro, ultimamente impresso em Lisboa, annotado pelo illustre Sr. Andrade Corvo, melhormente se demonstra o valor da obra de Duarte Pacheco nas diversas notas com que enriquece o roteiro do celebre vice-rei da India, e entre ellas a que se refere á viagem do mesmo Duarte Pacheco ás partes do occidente logo após a sahida do Tejo de Vasco da Gama para o seu memoravel descobrimento da India.

14 Parece-nos que muitos documentos não têm sido compulsados e visto a luz da imprensa já pela difficuldade em os interpretar pela ruim calligraphia em que foram escriptos, já pela linguagem barbara e obsoleta orthographia de seus autores, e sobretudo porque semelhante interpretação não depende absolutamente dos vastos conhecimentos dos compulsadores, mas sim de eruditas e pacientes pessoas que tenham profundo estudo da paleographia.



## CIDADE DO BOMFIM

(GOYAZ)

A cidade do Bomfim, séde do municipio de seu nome, uma das mais prosperas da provincia de Goyaz, está situada sobre um risonho planalto a 1400 metros acima do nivel do mar e distante 264 kilometros da capital da provincia.

O rio Vermelho e o corrego Lava-Pés banham este pittoresco local, um dos mais bellos e ferteis da provincia.

Distante 16 leguas ficam as nascentes do rio Corumbá, o mais caudaloso affluente do Paranahyba, que nasce nos montes Pyrinéos, no lugar chamado Curreal de Pedras, a tres leguas da cidade de Meia-Ponte ; a léste da cidade corre o Piracanjuba, um dos affluentes do Corumbá, que corre duas leguas distante ; ao poente, 10 leguas distante, corre o rio Meia-Ponte.

A situação geographica da cidade é 16° 50' latitude S. e 4° 7' 5" longitude do meridiano que passa no Pão de Assucar.

Foi fundada em 1744 por um bando de aventureiros da vizinha cidade de Santa Luzia, que, attrahidos pela descoberta de minas auríferas nesse ponto da provincia, para lá se dirigiram e fundaram uma igreja com a invocação do Senhor do Bomfim.

Milliet de Saint-Alphonse, além de confundir esta cidade com Bomfim dos Pilões, na margem do rio Claro, nos dá no seu *Diccionario Geographico* a fundação daquella cidade em 1744.

Por muito tempo a sua matriz foi filial de Santa Cruz, mas o decreto da Assembléa geral de 29 de Abril de 1833 conferio-lhe o titulo de parochia, desannexando-lhe o territorio de Santa Cruz. Foi elevada a villa em 1836 e a cidade 1843.

Além da matriz possui as igrejas do Rosario e S. Sebastião, um bello chafariz, talvez o melhor da provincia, casa da Camara, cadêa, uma bibliotheca publica fundada por iniciativa do Sr. Henrique da Silva, em 12 de Dezembro de 1886, e outros edificios importantes.

A população do municipio orça em 15,000 almas, que comparada com a de 1872, que era de 7850 almas, indica um progresso espantoso; este progresso é devido á immigração, principalmente de mineiros, que são attrahidos pela salubridade do clima e pelas magnificas terras de lavoura.

É o municipio de maior futuro da provincia ; exporta mantimentos mensalmente para a capital, especialmente porcos, toucinho, café e assucar.

O municipio possui tres freguezias : Campinas, Bella Vista e Santa Cruz.

Campinas, o local mais formoso de toda a provincia, está a 14 leguas do Bomfim e 165 kilometros da capital, proxima ao valle do rio Meia-Ponte, n'uma vasta e pittoresca campina que lhe deu o nome, e regada por um límpido ribeiro—o Cascavel.

Foi fundada em 1810 por Joaquim Gomes da Silva Geraes, natural de Meia-Ponte, que ahi passou com direcção á Anicuns, onde ia em busca de uma mina de ouro recentemente descoberta. Tão magnifico pareceu-lhe o

lugar, que ahi mesmo estabeleceu-se com os seus companheiros; em breve muitas familias de S. Paulo e Minas para lá transportaram os seus lares.

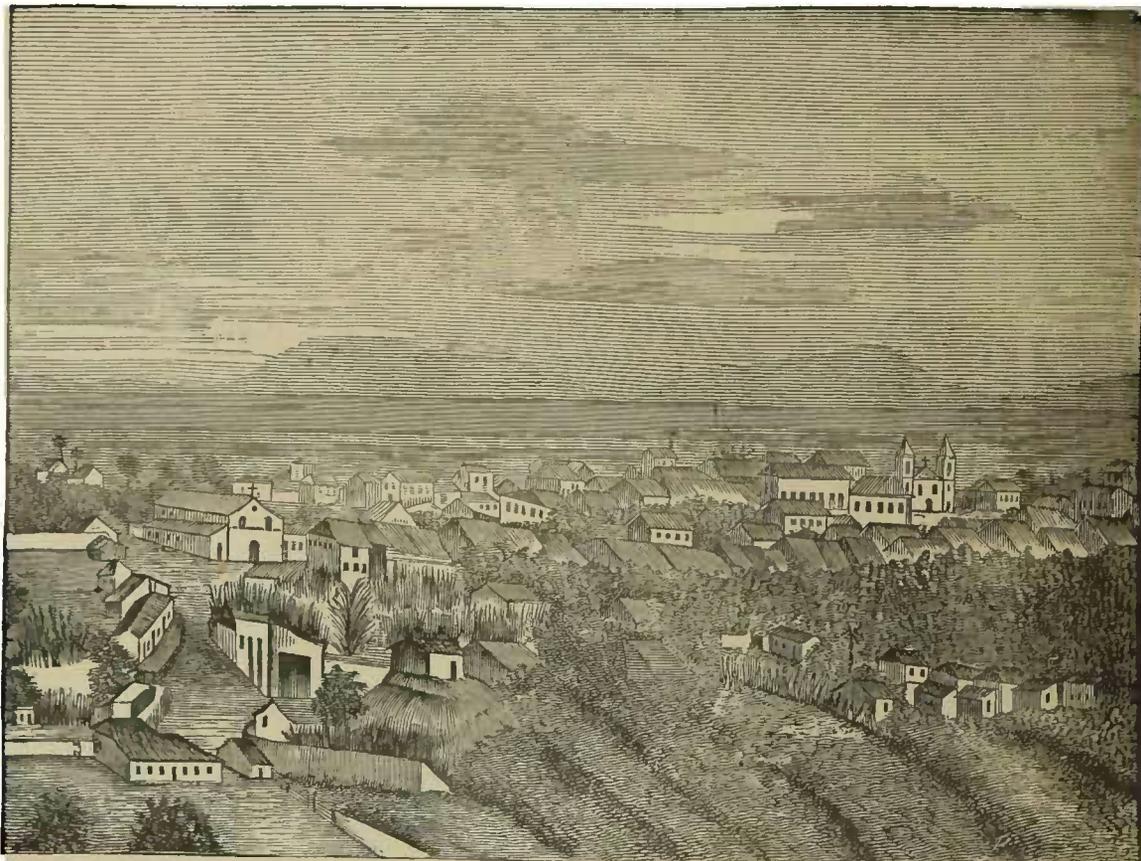
Possue: ricas minas de ferro, que foram exploradas por uma fabrica que já não existe, e uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

A villa de Santa Cruz está situada a 17° 54' latitude sul e 5° 35' longitude do meridiano do Rio de Janeiro, e a 344 kilometros da capital.

de ouro, cuja exploração foi interrompida por falta d'agua.

Distante do Bomfim 9 leguas está o florescente arraial da Bella Vista, conhecido outr'ora por Suçuapara, do nome de um vendo que muito abunda naquelles campos. Foi fundada pelo Sr. Antonio Amaro da Silva Canedo nas terras doadas por Joaquim Telles. Vai progredindo consideravelmente, graças ao seu illustre fundador, que é o idolo do lugar.

Possue uma capella começada em 1875 por



CIDADE DO BOMFIM—GOYAZ—DESENHO DE T. BECKER

Foi descoberta em 1729 por Manoel Dias da Silva, que, dirigindo-se para Cuyabá, ahi descobriu uma rica mina de ouro; ahi estabeleceu-se; fincou uma cruz com a inscripção: «Viva o rei de Portugal,» e fundou a actual povoação, recebendo por esse serviço a tença annual de 800\$000.

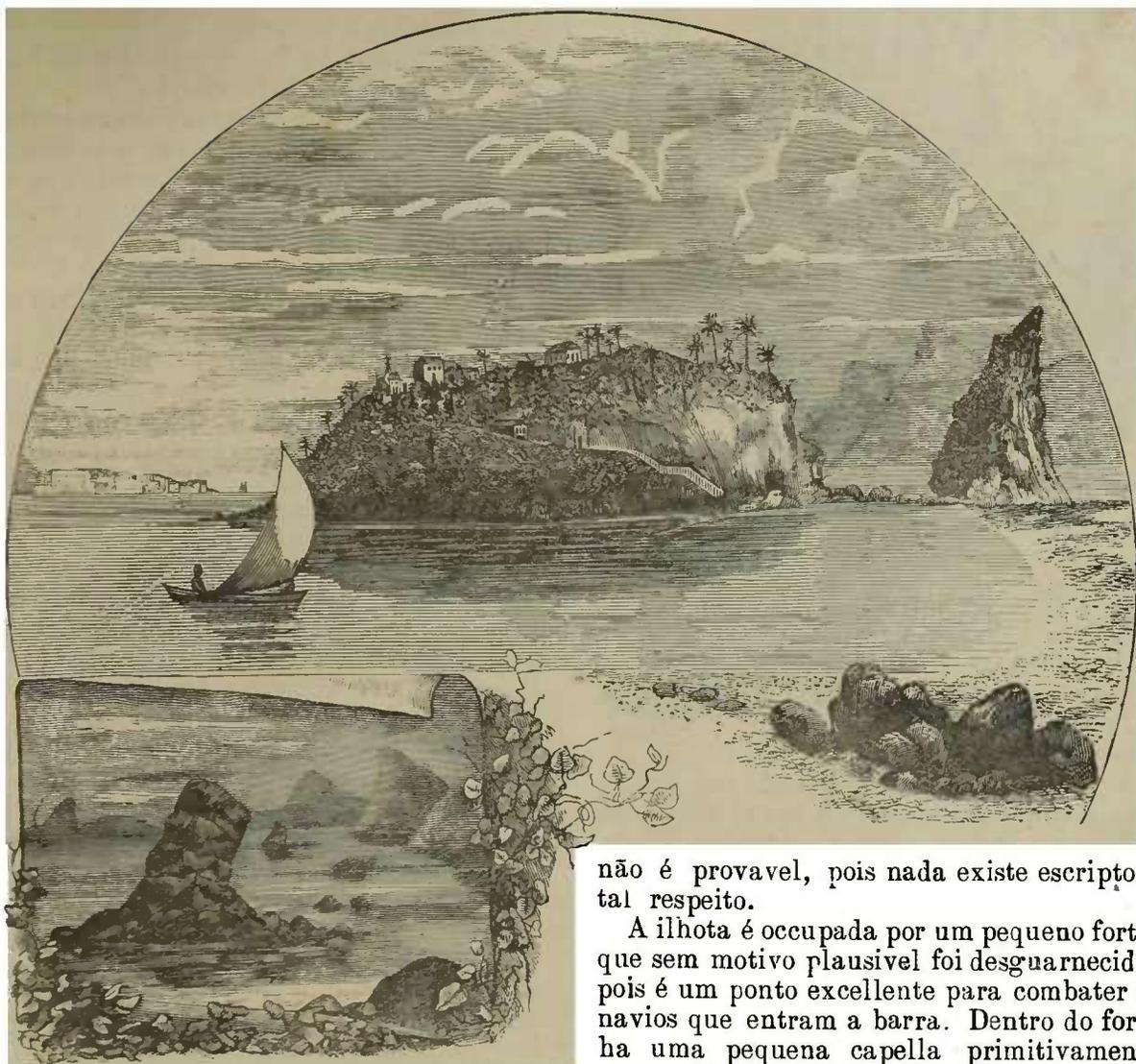
E' nesta villa que está o famoso morro do Clemente, onde se acha uma riquissima mina

subscrição popular, com dedicação á Nossa Senhora da Piedade, e um bello chafariz com uma inscripção em memoria do benemérito commendador Francisco José da Silva, que tão relevantes serviços prestou ao arraial.

Exporta o melhor fumo da provincia conhecido por *Leme*.

TOBIAS BECKER.





## BOA VIAGEM

Na carta levantada em 1711 por Duguay Trouin apresenta-se esta ilha muito afastada de terra, por esse tempo completamente deshabitada; em seculo e meio o accumulo das arêas avultou, porém por tal fórma, que actualmente uma pequena ponte de madeira basta para transpor-a da ponta de S. Domingos, e isto mesmo quando a maré está cheia; em plena vasante passa-se a pé enchuto,

Tem essa ilhota a configuração de um monticulo, parecendo até ser uma desaggregação do morro com que termina a ponta de S. Domingos. O antigo canal, que quasi de todo tem desaparecido, parece antes uma obra artificial do que natural, o que aliás

não é provavel, pois nada existe escripto a tal respeito.

A ilhota é occupada por um pequeno forte, que sem motivo plausivel foi desguarnecido, pois é um ponto excellente para combater os navios que entram a barra. Dentro do forte ha uma pequena capella primitivamente construida pelos meados do seculo XVII, a qual gozava de muita devoção dos maritimos; destruida por um incendio, foi reedificada em 1860 e se conserva em bom estado.

« Em 1810, diz o major Augusto Fausto de Souza em sua excellente *Noticia* sobre a bahia do Rio de Janeiro, fundou-se nesta ilha um lazareto, para a manutenção do qual deviam concorrer os navios mercantes com uma diaria de 400 réis a 1\$200, conforme a lotação. »

Do alto da ilhota desfructa-se agradabilissima vista, descortinando-se a cidade do Rio de Janeiro, as enseadas da Jurujuba, Flamengo, Botafogo, Gloria e o fundo da bahia.

A vista que damos representa o conjuncto tomado do lado de Icarahy.

F. F.



« Sente a alma ainda—  
e o coração é morto. »

ALMEIDA GARRETT.

O lampeão, collocado no meio da velha *mesa-elastica*, dava uma claridade avermelhada, porém vaga ao interior.

A parede, ao fundo, parecia um esbatimento de quadro antigo; a luz chegava até ali muito fraca; apenas destacava se, em esboço, o armario alto, envidraçado, suspenso sobre um corpo semelhante ao de uma commoda. O resto da sala era pobre. Duas cadeiras de faia e um sofá antigo de jacarandá, forrado de palhinha e sem espaldar, estavam encostados á parede que fazia face ao fundo; em outra parede, onde abria-se, ao meio, uma porta — de um lado a machina de pé, americana, systema Singer; de outro, um tamborete com a talha de barro da Bahia. Na parede defronte, duas portas, aos cantos, envidraçadas e com cortinas de cassa; ao centro uma mesinha muito antiga, de jacarandá e marmore côr de cinza; era a mesa das *quartinhas* e dos copos: por cima, pendurado á parede, um relógio, de mostrador redondo, pintado de branco; na caixa da pendula havia um busto de odalisca, de grandes olhos escuros, langurosos, e grande fartura de cabellos negros entrelaçados de moedas e crescentes amarellos.

Junto da mesa, um menino alourado, todo curvado sobre as paginas de um livro, lia em voz alta. A luz, batendo em cheio na palidez das paginas, dava-lhe reflexos vivos ao rostinho claro, rosado, de grandes olhos azues e nariz correctamente grego, partindo da união de curvas sobrancelhas castanhas

até um pequeno buço ainda nú, e onde o labio côr de cereja tinha a fórma de um arco antigo. E, pelo silencio da sala, a sua voz, debil e suave, tomava volume, crescia lentamente, enchia o espaço:

« — De que devo eu arrepende-me?... perguntou Danglars balbuciando. »

As palpebras descidas, a cabecinha redonda inclinada para o livro, cercado pelo braço esquerdo emquanto a dextra acariciava a pagina entre os dedos, faziam-n'o um typo encantador, um capricho de pintor de costumes.

« — Do mal que me fizestes, respondeu a mesma voz. »

Em sua frente, uma senhora, magra e pallida, ia passando, com destreza e méstria, os fios de lã azul do dedo para a agulha que trançava-os com a parte do trabalho já feito. De quando em quando parava; fictava o menino. Depois, mudando a posição das agulhas de osso pollido, continuava a trabalhar.

Ouvia-se o barulho da chuva, que cahia fóra. De quando em vez trovões arrastavam-se no alto, e iam desabar para longe, com estrondo abafado.

E o menino continuava a ler.

A's vezes fazia um gesto, meio esquerdo, nas scenas que mais interesse lhe despertavam. A senhora parou por um instante o trabalho, tendo os braços na posição em que os movia, e fitou o olhar attento sobre o filho.

A vozinha d'elle, n'uma complexão de entusiasmo, exclamava, enchendo o silencio da sala:

« — Quem sois então? »

« — Sou aquelle a quem vendestes, entregastes e deshonrastes... sou aquelle, cuja noiva prostituistes... sou aquelle, a quem calcastes aos pés, para alcançardes riquezas.. sou aquelle, cujo pai fizestes morrer de fome, e que comtudo vos perdôa, porque tambem tens necessidade de ser perdoado... »

E levantando a voz, possuido pela leitura, dominado por uma forte emoção da scena concluiu:

« — Sou Edmundo Dantés! .. »

A mãe retomou o trabalho. A sua mão tremula agitava a agulha, virando, revirando-a, por entre a lã e o indicador da mão esquerda; parou. Estava nervosa, queria ouvir toda aquella scena commovida do perdão. Ai! aquella leitura cahia no seu velho coração como uma gotta d'agoa sobre uma chapa de ferro encandescente.

Conhecia o romance.

Lêra-o uma, duas ou tres vezes. Demais, já não era a sensação desse formidável tramas de aventuras que sensibilisava-lhe; era aquelle livro, aquelle simples objecto que

allí tinha diante dos olhos, com as folhas amaralladas, resguardado por uma encadernação de couro. Elle resumia o seu passado. Era como um cofre das resequidas illusões da mocidade. Tinham-lhe dado de presente ainda quando a flor dos quinze annos começava desembotoar-se na frescura das suas faces, no contorno curvo e voluptuoso do seu busto, nos sonhos iriados da sua fantasia. Lembrava-se perfeitamente desse tempo, Oh! se lembrava-se!... Seu papai, um velho todo birrento, todo encannecido, arrastando as pernas inchadas n'uns passos que pareciam escarros, ainda vivia. A mamã, que santa! tinha-lhe então uma amizade sem limites; dava-lhe tudo, aneis, pulseiras, botins e vestidos. Queria vê-la bonita, tão faceira como a filha da gente rica, e a sorrir, a sorrir tanto de alegria que as lagrimas pespontavam no canto dos olhos — tomava-lhe entre as mãos ambas as faces, beijava-lh'as repetidas vezes, cheia de enthusiasmo, dizendo:

— Que linda tu és, filhinha! Que linda!

Nesse tempo, era namoro seu um rapaz garboso, o Dr. Alberto Salles, o filho mais velho do visconde de Entre-Rios, uma fortuna!

Todas as noites o doutor estava em casa. Trazia-lhe mimos; faziam musica ao piano. Ambos tocavam. Elle cantava, tinha uma voz fresca de tenor. E era com paixão no olhar, com a voz tremula e sentida, a mão sobre o peito, que gemia a phrase final do *Ernani*:

*Elvira! Elvira!... Addio!*

Ai della! As teclas, nervosamente batidas por seus mimosos dedos, tangiam as notas dulcissimas dessa musica. Nesse momento, ella estava longe da realidade, era um sêr arroubado de amor, seduzido, allucinado pela estranha magia daquelle rapaz alto, robusto, e bello.

Outras vezes liam juntos, cabeça com cabeça; halitos confundindo-se em ardencias de desejos, e o mundo tão afastado de ambos que nem reservas tinham.

De resto, o namorado dava-lhe muitos romances para ler, tudo quanto era novidade no boletim das livrarias, escripto em portuguez.

Quando lhe trouxe o *Conde de Monte Christo* recommendou que o lesse com attenção—era um primor! dizia.

Na primeira pagina do livro escreveu: « A' Albertina Roxo, » e por baixo, de um lado — 3 de Setembro de 1865 — e de outro lado, n'uma calligraphia desembaraçada e gorda: « Dr. Alberto Salles. »

Era a primeira vez que punha dedicatória nos livros que lhe dava. Por esse facto, este ficou valendo mais do que os outros. Não o emprestava a ninguem.

Um dia o noivo participou que ia ao Norte, precisava visitar o pai antes de se casar. Ella não se comprazia com semelhante resolução, achou-a desnecessaria; mas elle tanto insistio, tantas provas persuasorias desenvolveu, que não houve remedio senão ceder. Também para que desconfiaria do seu character? Não eram bastantes os testemunhos de fidelidade que tinha dado? Muitas não foram as vezes que puzera em evidencia a sua probidade? .. E, então, porque temer agora uma acção infame?!

Deixou-o partir. Ah! antes nunca o deixasse! As lagrimas que derramou pela sua inesperada infidelidade levaram todas as esperanças da sua alma, arrebataram toda a seiva do seu coração de moça.

Chegou a pensar em fazer-se freira, mas os conventos já não recebiam noviças. Pensou no celibato eterno, nessa virgindade sem poesia, nessa existencia sem luz, sem impressões, sem lutas, mas o lento desenvolver dos annos trahi-lhe o intento.

O papai morreu; ficou sósinha com a mamã e mais uma irmã que já era noiva. Conheceu um homem, que desejava-a. Casou-se. E os annos tinham passado.

Tudo na vida se transformára. A mamã andava pela Europa em companhia do outro genro, um allemão; ella allí estava, obscura na sua pobreza, em companhia de seu filho, enquanto o marido trabalhava na Imprensa Nacional para sustentar a casa. Tudo se transformára. Viveu durante muitos annos esquecida de tudo. Mas um dia o filho fallou-lhe em romances para ler durante o serão, lembrou-se dos seus livros, guardados no fundo de um bahu, onde jaziam as reliquias do seu passado—os presentes do Alberto Salles, recordações do papai, as primeiras roupas do menino—e trouxe-os para que elle os lêsse.

Sentia um vago, porém dolorido prazer, em ouvir ler aquelles livros que lêra aos quinze annos com tanto ardor. Parecia que sua alma evolava-se para esse época de felicidades, perdida nas nevas das recordações. Como lhe fazia bem ao espirito esse rememorar vagaroso dos factos! Era um sabor acredoce daquellas delicias, sabor que se sente nos labios emmurchecidos pelo tempo, emquanto as lagrimas assomam aos olhos.

Quanta mudança atraz de si! Quanta differença em tudo!... Que vontade de voltar á mocidade, de gozar as mesmas alegrias, de soffrer as mesmas dores!...

O filho estava a terminar a leitura. Tinha lido muito. A sua vozinha esmorecia:

« — Adeus, minha amiga ! disse Valentina, adeus, minha irmã !

« — Quem sabe se nos tornaremos a ver ? disse Morel, enxugando as lagrimas.

« — Meu amigo ! disse Valentina... »

O menino tossio, afadigado. Tomou um pouco de ar e continuou :

« ... o conde acaba de nos dizer que toda

a sabedoria humana se encerra nestas palavras : Ter fé e esperar. »

Albertina, que havia outra vez se distraído do trabalho, oscillou tristemente a cabeça. Nos seus grandes olhos negros e tristes despontaram lagrimas que ella procurou disfarçar, tecendo rapidamente, nervosamente, os fios.

L. GONZAGA DUQUE-ESTRADA.



## ILHA ANHATÓMIRIM

No norte da ilha de Santa Catharina, a 200 metros do continente e a 5 kilometros da cidade do Desterro, acha-se a pequena ilha Anhatómirim. O canal que a separa do continente tem 5 braças de profundidade ; as embarcações de alto calado ahi encontram um bom ancoradouro abrigado de ventos ponteiros.

A fortaleza de Santa Cruz que nella se acha, e cujas ruinas, ainda mostram o antigo esplendor, foi começada em 1737 pelo gover-

forte da Ponta Grossa, fronteiro ao de Santa Cruz.

Todos os viajantes e escriptores, que referem-se a esses dous fortes, são concordes em dizer que elles não poderão impedir a entrada de uma esquadra inimiga, visto como acham-se tão distantes um do outro, que não cruzam fogos.

São desta opinião : o almirante inglez Anson, o navegador francez La Pérouse, o sabio russo Krusenstern, e os escriptores monsenhor Pizarro e o visconde de S. Leopoldo.

Sobre esta opinião, diz Paulo José Miguel de Brito na sua *Memoria Politica* :

« Que o brigadeiro Paes, sendo um engenheiro e militar tão illustrado, não commetteria erro na escolha daquelles pontos ; o que hoje vaide encontro ás regras da tactica talvez que naquelle tempo fosse acertado e exacto. »

Todas essas opiniões, receios e hypotheses são actualmente destruidas com o alcance espantoso da artilharia moderna, hoje que um canhão *Bange* de 340, de sitio e fortaleza, de marinha e costas de mar, lança a 18 kilometros projectis pesando 600 kilogrammas !



ILHA ANHATÓMIRIM, VISTA DA FRENTE

nador da capitania o brigadeiro José da Silva Paes, sendo concluida em 1744.

A provisão do conselho ultramarino de 17 de Agosto de 1748 approvou a planta do seu quartel.

Além do forte da ilha dos Ratoes, na barra do sul da ilha de Santa Catharina, o brigadeiro Paes construiu mais em 1740 o

A posição geographica do forte é a 27° 25' 32" latitude sul e 51° 1' 14" longitude oeste do meridiano de Paris, segundo a opinião do illustre almirante Roussin, que ahi fez algumas observações astronomicas.

Outros navegadores celebres visitaram a ilha Anhatómirim, taes como La Pérouse, que ahi esteve em 1785, retirando-se a 19 de

Novembro, levando gratas recordações da hospitalidade dos habitantes da ilha de Santa Catharina, que, durante o tempo que lá esteve, dormiram no chão, em esteiras, para cedem as camas aos marinheiros de La Pérouse, que haviam naufragado proximo áquella ilha; Mawe, que ahi esteve em 1807, escreveu uma *Viagem ao interior do Brazil*; o viajante russo Krusenstern e seu companheiro o naturalista allemão Langsdorff ahi estiveram no principio do presente seculo.

Este ultimo escreveu um livro, que foi impresso em 1820 em Paris, intitulado *Memoria sobre o Brazil, para servir de guia ás pessoas que desejam estabelecer-se naquelle pais*, e de 1825 a 1829 explorou o interior do Brazil em companhia do astronomo Ruszoff e dos naturalistas Riedel e Ménétries, colhendo preciosas colleções que se acham no museu de S. Petersburgo.

Tambem visitou a ilha o sabio viajante Duperrey, commandante da *Coquille*, em viagem de circumnavegação; este viajante, nos seus escriptos, depois de attribuir ao forte uma antiguidade fabulosa, faz-nos delle a seguinte pittoresca descripção:

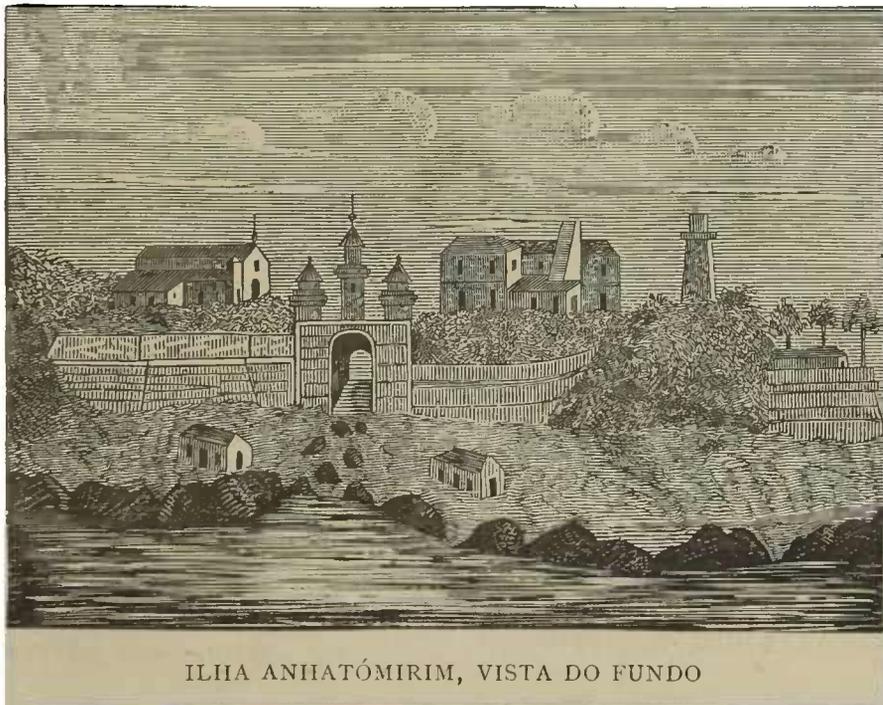
« Penetra-se nesse forte por um portico notavel pelo seu estylo gothico e pela sua antiguidade, depois de haver subido uma centena de degrãos, onde enormes barbatanas de baléas estão postas á guisa de corrimão. Copados arvoredos, delicioso abrigo de revoadas de beija-flores, orlam as partes lateraes dessa escadaria até a praia de desembarque, cujo sitio acanhado fica occulto por uma ponta e rochedos de granito. Trinta e dous canhões enferrujados, de varios calibres, montados em reparos arruinados, compunham toda a artilharia dessa fortaleza quando a visitámos, e alguns soldados esfarapados, que mais se assemelhavam a camponios do que militares, formavam a guarnição. »

A pintura é fiel, excepto as barbatanas de baléa que o tempo as consumio, e a guarnição

que traja-se melhor, o estado do forte é o mesmo que quando lá esteve Duperrey; algumas modificações têm sido feitas do anno passado para cá; mas apezar de tudo isso, apezar da artilharia estar imprestavel, o forte é considerado armado!

A 25 de Fevereiro de 1777 as tropas do general D. Pedro Ceballos antes de tomar a ilha de Santa Catharina intimou o governador do forte de Santa Cruz a que se rendesse; fel-o depois prisioneiro com toda a guarnição, excepto um official que se achava no Desterro, onde fôra communicar ao marechal Antonio Carlos Furtado de Mendonça a intimação das tropas de Ceballos.

Pelo art. 22 do tratado preliminar de paz de 1º de Outubro de 1777 entré as côrtes portugueza e hespanhola, foi estipulado que seria evacuada, e restituída dentro de quatro mezes que se seguissem á ratificação desse



ILHA ANHATÓMIRIM, VISTA DO FUNDO

tratado, a ilha de Santa Catharina, bem como as adjacentes e parte do continente immediato a ella, com artilharia, munições e mais effeitos que fossem encontrados no tempo da occupação.

Durante a campanha do Paraguay, o forte servio de deposito de convalescentes, e actualmente serve de registro á barra; nelle acham-se collocados um pharolete e um mastro pertencentes ao ministerio da marinha.

TOBIAS BECKER.



### (ADULAÇÃO)

A adulação é vicio vergonhoso para o que a pratica e danoso á pessoa a quem se dirige. O louvor exagerado das nossas boas qualidades sempre procede de vaidade pueril. Se nos fôr devido, não bastará que todos o reconheçam, sem que o ouçam da nossa boca?

O elogio que fizermos aos outros sobre objectos em que tenham merito indisputavel, por exemplo, a nobreza de nascimento, as accões gloriosas, os dotes corporaes e intellectuaes, não entrando servilismo, será justo, porque manifesta nesse respeito estima e admiração.

Congratular uma pessoa que acaba de cantar, ou de mostrar outra habilidade, é cortezia, se o executou soffrivelmente; applaudil-a, se desenvolveu merito subido, é obrigação.

Não ha adulação quando é verdade o que dizemos nem quando dizemos o que cremos; neste caso não existe intento de enganar.

Quando quizermos elogiar qualquer pessoa, sempre nella acharemos um merito; porém exalta-a contra a verdade dos factos não é só adulação, é insulto.



### SIGNIFICAÇÃO DOS NOMES



*Albertina* — Flor de pecegueiro. (Caso raro: os poetas têm-se apaixonado por Lauras, Beatrizas, Nathercias, etc., mas ainda não houve um só que entregasse aos cuidados da inspiração este mavioso nome. De resto, as Albertinas são bonitas e têm decidida vocação para o *crochet*... o *crochet* é o refugio purgatorio das namoradeiras.)

*Angelica* — Beijo de frade. (E' excellente tia, se casa-se excellente mãe.)

*Angela* — Violeta singela. (Ideal de um burguez rico, porque as mais das vezes as Angelas são de genio calmo e muito dedicadas aos affazeres domesticcs.)

*Agueda* — Crista de gallo. (Os romancistas jocosos faziam das Aguedas tias impertinentes, rheumaticas e feias. Nem tanto. São boas para *l'iba de moça*.)

*Angelina* — Flor de cêra. (Vaporosa, subtil; quasi sempre são desageitadas para os trabalhos caseiros e muito pre... quero dizer, indolentes.)

*Abigail* — Rosa principe-negro. (Fazem a felicidade dos poetas, se tiverem o bom senso de requerer divorcio no primeiro anniversario do casamento.)

(Continúa.)



As minas de cobre do Brazil encontram-se nas provincias de Matto-Grosso, Minas-Geraes, Bahia, Maranhão e principalmente no Rio Grande do Sul, como por exemplo nas margens do Quaraim, em Santo Antonio das Lavras, a seis kilometros e 600<sup>m</sup> da villa daquelle nome, donde facilmente pôde o mineral ser transportadò, na distancia de 85 kilometros e 900<sup>m</sup>, á cidade da Cachoeira, ultimo ponto do rio Jacuhy, na parte navegavel a vapor.

O cobre de Caçapava produz 60 % de metal puro, mais ou menos, dos mais abundantes veeiros.



### CARACTER

A força do caracter não se mostra na perseguição violenta dos objectos das paixões; não consiste em agitar-se alguém nessa servidão, mas faz-se admirar na perseverança da alma, consagrando as suas faculdades na execução de designio que a razão approva.



## A VACCINA

Deriva este nome da palavra latina *vaccu*, porque é do ubre das vaccas que se tira a materia que se inocula nas crianças, afim de preserval-as das bexigas. As primeiras experiencias da vaccina foram feitas em Inglaterra pelo medico Edward Jenner em 1798.



A ambição é a fome canina da imaginação.



O trabalho faz conhecer o verdadeiro valor do homem, assim como o fogo desenvolve os perfumes do incenso.



Em 1723, segndo Baena, ou em 1725, segundo o capitão-tenente Amazonas, foi o rio Madeira conhecido pela primeira vez até a parte superior das cachoeiras.

Era então governador do Pará o general João da Maia Gama.

A noticia recebida de alguns individuos, que se davam ao trafico de indigenas, de que acima das cachoeiras havia habitações de gente branca, que se suppunha hespanhola, motivou a primeira expedição que ordenou aquelle general, ao mando de Francisco de Mello Palheta.

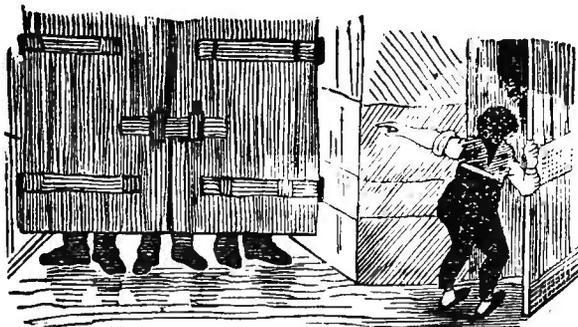


## O SOM

O som viaja 13 milhas por minuto; a luz 200,000 milhas por segundo; a attracção de gravitação é 50,000 vezes mais rapida que a luz.



## UMA TROPA DE... BOTAS

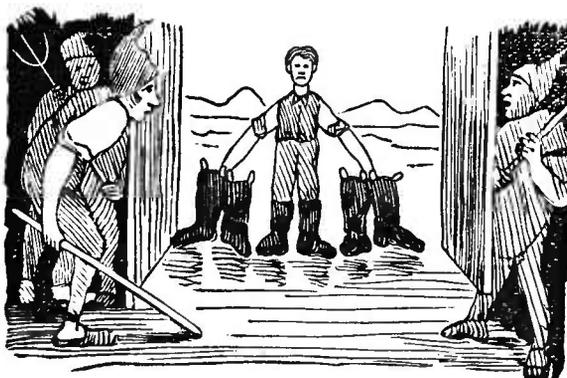


— Oh patrão! oh patrão! grita assombrado o Zé, chegado do Fayal ha tres mezes. Está ao portão uma tropa a bater,

— Uma tropa? pergunta de dentro o patrão.

— Sim, senhor, uma tropa e a tres de fundo. Só na frente vejo eu seis botas a luzir como espelhos.

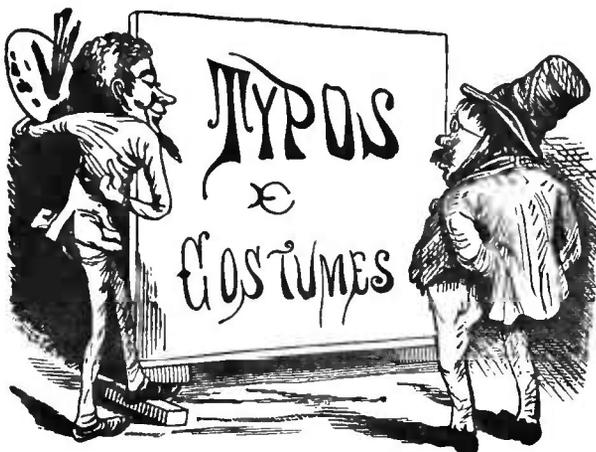
O Manoel Rodrigues grita pelos moços do capim, e armados todos de instrumentos contundentes e perfurantes vão ao portão, abrem-n'ó de par em par e...



apparece o Antoninho, do sapateiro do bairro, a rir parvamente, mettido em um par de botas e com dous outres pares pendurados das mãos.

Estava tudo explicado: eram as botas do Manoel Rodrigues e dos dous moços do capim, que tiham ido a engraxar para a festa da Penha, no proximo domingo.





O vendedor de jornaes

Até o apparecimento do *Diario de Noticias* (o primeiro), que foi fundado nesta côrte em 1870 pelo jornalista portuguez Antonio Climaco dos Reis, era completamente desconhecida esta especie, ainda que a familia já existisse, mas com pouco desenvolvimento.



VENDEDOR DE JORNAES

Havia, é certo, o preto mina que mercava a *Correspondencia*, que de Lisboa vinha já impressa para ser aqui vendida, á chegada dos paquetes, mas o pequeno vendedor de jornaes, tal qual o conhecemos, data daquella época.

Em geral o typo é italiano, vende folhas diarias, periodicos litterarios, opusculos de *sensação*, e alguns até bilhete de loteria; mas o forte é o jornal noticioso. Não têm fé com a politica, recusam os respectivos orgãos ainda mesmo que lh'os dêem com 75 %

de abatimento. Também não se dão bem com folha diaria que exceda de 40 rs. por exemplar.

Reunem-se em companhias e submettem-se a um chefe, que, por via de regra, faz sempre com elles contas de grão-capitão, e ainda por cima dá-lhes pancada. Estes chefes são na maior parte feitos no campo do combate; começam por commandados e acabam commandantes, apanham para depois dar, são roubados para mais tarde tirar á larga a sua desforra.



VENDEDOR DE BILHETES DE LOTERIA

Os vendedores de jornaes formam hoje no Rio de Janeiro um bom pé de exercito, e podem-se considerar uma potencia nos arraiaes da imprensa, ainda que não tenham disso consciencia; para certos jornaes, e dos de maior circulação, a sua vida depende dos vendedores. Uma *grève* que elles fizessem por espaço de um mez poria em serios embaraços mais de uma empreza jornalística.

No entanto esses pobres diabos que por ahí andam, e que tanto concorrem para a diffusão da imprensa, nada têm della recebido em bem da sua educação e futuro, quando aliás tão facilmente se poderia organizar uma associação beneficente que lhes facultasse escola e enfermaria, senão mesmo melhor abrigo do que têm, pois geralmente dormem pelo chão das officinas, á espera que nasça o dia e fique prompto o jornal.

F. F.